

Situação de Aprendizagem – Filosofia

Prática 1 – A leitura é uma atividade filosófica?

Indicada para Ensino Médio

Tempo previsto: 2 aulas

Elaboração: Equipe Técnica de Ciências Humanas – CENP

Apresentação

A palavra Filosofia é a composição de "filo" e "sofia", que em grego significa "amizade ao saber". Marilena Chaui nos dá uma noção inicial de filosofia que é a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.

Objetivo

Estimular a reflexão filosófica e as atitudes decorrentes dela.

Recurso

Discurso de posse do presidente norte-americano Barack Obama.

C

onteúdos

- Atitude filosófica.
- Atitude crítica.
- Reflexão filosófica.

P

rocedimentos

1º Momento

- Sugerimos que explique para a classe qual será a atividade e faça um rápido levantamento acerca do que sabem sobre as eleições presidenciais nos Estados Unidos.
- Apresente aos alunos o excerto selecionado do discurso de posse do presidente norte-americano Barack Hussein Obama. Realize a sua leitura e abra espaço para que os alunos se posicionem e emitam suas opiniões.

2º Momento

Após a discussão do 1o Momento, solicite aos alunos uma produção de texto com reflexões realizadas a partir de sua leitura do excerto. Esta produção poderá ser analisada pelo professor como um dos instrumentos de diagnóstico inicial.

M

aterial de apoio

Discurso de posse do presidente norte-americano Barack Hussein Obama em 20/1/2009.

(...) Porque nós sabemos que nossa herança multirracial é uma força, não uma fraqueza. Somos uma nação de cristãos e muçulmanos, judeus e hindus – e de pessoas que não possuem crenças. Nós somos moldados por todas as línguas e culturas, trazidas de todos os confins da terra; e porque já experimentamos o gosto amargo da Guerra Civil e da segregação e emergimos desse capítulo sombrio mais fortes e mais unidos, não podemos evitar acreditar que os velhos ódios um dia irão passar; que as linhas que dividem tribos em breve irão se dissolver; que, conforme o mundo fica menor, nossa humanidade em comum irá se revelar; e que a América deve desempenhar seu papel: nos conduzir a essa nova era de paz. (...)

(...) Esse é o significado de nossa liberdade e nosso credo – o motivo pelo qual homens, mulheres e crianças de todas as raças e todas as fés podem se unir em celebração por todo este magnífico local, e também o porquê de um homem cujo pai há menos de 60 anos talvez não fosse servido num restaurante local agora pode estar diante de vocês para fazer o mais sagrado juramento.

Disponível em

<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL964157-16108,00.html>.

Acesso em: 20 jan. 2009.

Situação de Aprendizagem – Filosofia

Prática 2 – Mito e filosofia

Indicada para Ensino Médio

Tempo previsto: 2 aulas

Elaboração: Equipe Técnica de Ciências Humanas – CENP

Apresentação

Nessa atividade identificaremos algumas características mais comuns aos relatos míticos. A abordagem consistirá: o mito como uma das formas de compreensão do mundo.

Objetivo

Introduzir o conceito de mito e a reflexão sobre seu alcance enquanto conhecimento.

Recurso

Texto – A caixa de Pandora

C

onteúdos

- O que é mito?
- A narrativa mítica.
- Mito e filosofia.

P

rocedimentos

1º Momento

- Sugerimos que inicie a atividade com algumas questões norteadoras:
 - O que é um mito?
 - Só existe mito na Antiguidade?
 - A narração mítica nos oferece alguma explicação sobre o mundo?
 - Qual a diferença entre mito e filosofia?
- Apresente aos alunos o texto “A caixa de Pandora”. Realize a sua leitura e abra espaço para que os alunos se posicionem e emitam suas opiniões.

2º Momento

A partir da discussão realizada no 1o Momento, sugerimos que divida a classe em grupos. Cada grupo deverá selecionar um mito, elaborando um texto que explique um fato do mundo e/ou da vida humana. Esta produção poderá ser analisada pelo professor como um dos instrumentos de diagnóstico inicial.

Materiais de Apoio

A caixa de Pandora

Sua origem está relacionada ao mito grego do surgimento da primeira mulher, Pandora, criada pelos deuses para castigar o homem. Ela abriu um recipiente e libertou todos os males que se abateram sobre o homem. Segundo a mitologia, a Terra era sombria e sem vida, os deuses e a natureza começaram a dar vida e colocar cada coisa em seu devido lugar, porém faltava um animal nobre que pudesse servir de recipiente para um espírito. Essa tarefa foi incumbida aos titãs Epimeteu (aquele que reflete tardiamente) e Prometeu (aquele que prevê).

Epimeteu criou os animais dando-lhes todas as características distintas; Prometeu ficou responsável por criar um ser à imagem e semelhança dos deuses. Com isso pegou um pouco de terra e molhou com a água de um rio, obtendo assim argila. Foi moldando-a com carinho e dedicação até conseguir uma imagem semelhante à de seus deuses. Porém o homem estava sem vida, razão pela qual Prometeu pegou todas as coisas boas que seu irmão Epimeteu colocou nos animais e também colocou no homem, mas ainda faltava algo mais forte. Prometeu tinha amizade com uma deusa, Atená. Ela, que nutria admiração pela obra dos titãs, deu ao homem o espírito que lhe faltava.

Após ter destruído seu próprio pai, Zeus voltou suas atenções para a humanidade recém-criada e dela cobrava devoção e sacrifícios em troca de proteção. A partir do momento em que Zeus e seus irmãos passaram a disputar poder com a geração dos titãs, Prometeu, mesmo não tendo participado da batalha, era visto como inimigo, e os seres humanos representavam uma ameaça constante.

Em defesa do homem, Prometeu e Zeus se encontraram em Mecone (Grécia) para decidir os deveres e os direitos da humanidade. Prometeu pediu para que os deuses cobrassem mesmo por sua proteção, para isso teve a ideia de pôr à prova o poder e a visão justa e clara de Zeus. Matou um belo e imenso touro, partiu-o ao meio e pediu para que os deuses do Olimpo escolhessem uma das partes, pois a outra caberia aos humanos. Porém ele colocou em um dos montes apenas ossos e cobriu-os com o sebo do animal. Este apresentou ser maior que o outro monte de carne. Com toda sua soberba, Zeus escolheu o monte maior. No entanto, ao

descobrir que havia sido enganado por Prometeu, decidiu vingar-se dele negando à humanidade o último dos dons que necessitavam para se manter vivos: o fogo.

Com o objetivo de salvar sua criação, Prometeu roubou uma centelha de fogo celeste e entregou aos homens. Ao perceber que o novo brilho que vinha da terra era fogo, Zeus decidiu se vingar do ladrão (Prometeu) e dos beneficiados com o fogo (a humanidade). Aprisionou Prometeu na parede de um penhasco na montanha caucasiana, com uma corrente inquebrável, e todos os dias suas vísceras eram comidas pelas aves. Como era imortal, durante a noite os órgãos se recompunham e no dia seguinte as aves voltam e comem novamente. Assim era a sua tortura diária. Antes de ser aprisionado Prometeu deixou um recipiente – seu formato não é descrito ao certo, aqui será denominado de “caixa” – com seu irmão Epimeteu, e esse ficou incumbido de ser o guardião da caixa, não permitindo que ninguém se aproximasse dela. Para se vingar do homem, Zeus resolveu criar a mulher com a ajuda dos demais deuses. Nela cada um dos deuses pôs uma de suas qualidades, dentre elas a beleza e a inteligência, e deu-lhe o nome de Pandora.

Zeus a enviou de presente para Epimeteu, que, sem dar ouvidos aos conselhos que o irmão havia lhe dado antes de partir – que era para não aceitar nenhum presente dos deuses –, aceitou Pandora.

Ela o seduziu e, após cair na armadilha de Zeus, Epimeteu mergulhou em um sono profundo. Aproveitando-se disso, Pandora abriu a caixa e quase todos os males que estavam lá dentro foram libertos. Coisas tão ruins a amedrontaram, fazendo-a fechar a caixa, porém o último e mais importante permanecera dentro dela: o destruidor da esperança.

Adaptado de: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/caixa-de-pandora.htm>>.
Acesso em: 22 jan. 2009.

Situação de Aprendizagem – Filosofia

Prática 3 – Discutindo Filosofia

Indicada para Ensino Médio

Tempo previsto: 1 aula

Elaboração: Equipe Técnica de Ciências Humanas – CENP

Apresentação

Partindo do pressuposto que os alunos da 2ª e 3ª séries já tiveram contato com a disciplina, podemos trabalhar questões como a liberdade, a bioética, a responsabilidade etc. Discutir conceitos é atributo da Filosofia, e um dos quais, amplo e complexo, é, sem sombra de dúvida, o da liberdade unida à responsabilidade da ação no mundo. Mundo este que não é uno, individual, mas coletivo e plural.

Objetivo

- Refletir acerca do conceito que possui sobre liberdade.
- Discutir a “dependência” entre liberdade e responsabilidade.

Recursos

- Sinopse e, se possível, o filme *Mar adentro* (pode-se escolher uma cena).
- Frase de Sartre: “O homem está condenado à liberdade”.

C

onteúdo

- Explicação do caso e debate.
- Formulação de um texto sobre a liberdade.

P

rocedimentos

1º Momento

- Leia para os alunos a sinopse do filme *Mar adentro*:

Sinopse

Ramón Sampedro (Javier Bardem) é um homem que luta para ter o direito de pôr fim à sua própria vida. Na juventude ele sofreu um acidente, que o deixou tetraplégico e preso a uma cama por 28 anos. Lúcido e extremamente inteligente, Ramón resolve lutar na justiça pelo direito de decidir sobre sua própria vida, o que lhe gera problemas com a igreja, a sociedade e até mesmo com seus familiares.

- Após a explicação sobre o filme e uma breve apresentação do filósofo Jean-Paul Sartre, trabalhe com a frase sartreana: “O homem está condenado à liberdade”.

2º Momento

- Divida a sala em pequenos grupos e promova uma pequena reflexão.

3º Momento

- Solicite a cada grupo que elabore um manifesto sobre a liberdade.

Material de apoio

Hino da Proclamação da República

Letra de Medeiros de Albuquerque

Música de Leopoldo Miguez

(...)
Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós,
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz

Nós nem cremos que
escravos outrora
Tenha havido em tão
nobre país...
Hoje o rubro lampejo da
aurora
Acha irmãos, não tiranos
hostis.

Somos todos iguais! Ao
futuro
Saberemos, unidos, levar
Nosso augusto estandarte
que, puro,
Brilha, ovante, da Pátria
no altar!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós,
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz
(...)

Situação de Aprendizagem – Filosofia

Prática 4 – Descobrimos a Filosofia

Indicada para Ensino Médio

Tempo previsto: 1 aula

Elaboração: Equipe Técnica de Ciências Humanas – CENP

Apresentação

Uma questão recorrente quando se apresenta a disciplina de Filosofia, especialmente na 1ª série do Ensino Médio, é acerca da “utilidade” da Filosofia: para que serve? Dizer que o objeto da Filosofia é o próprio pensamento não basta. Será importante refletir como uma boa resposta pode nascer de uma ótima pergunta. Aliás, ao perguntar “para que filosofia” já se está filosofando. Existem coisas que nos circundam no cotidiano que não questionamos mais por estarmos completamente “adaptados” ou “acostumados” a elas. Tudo muda e ganha um novo colorido quando perguntamos: o que são estas coisas? Porque são como são? Saciar uma dúvida é o mesmo que saciar um desejo. Quando desejamos, geralmente nos afeiçoamos ou simpatizamos com nosso desejo. Ora, se somos simpatizantes com nossos desejos e se nosso desejo maior é o de saber, logo, somos amigos (simpatizantes) da sabedoria, ou seja, *Philosophos*.

Objetivo

- Estimular a reflexão crítica sobre um tema cotidiano por meio de uma abordagem filosófica.

- Discutir que a Filosofia pode estar bem mais próxima do que se imagina e que um aprofundamento da visão do mundo pode nos abrir novos horizontes.

Recursos

- Texto: “Lápis cor da pele. Pele de quem?”.
- Recortes de jornais ou revistas.

Conteúdo

- Senso comum.

Procedimentos

1º Momento

- Ler para os alunos o texto.

2º Momento

- Sugerimos que inicie a atividade com algumas questões norteadoras:
 - Quais as razões que questões como estas passam por nós completamente despercebidas?

- Por que não questionamos mais e permitimos que campanhas publicitárias como estas sejam veiculadas?
- Pode-se ampliar a questão aqui apresentando o slogan do Band-Aid: "O curativo cor da pele". Qual a razão pela qual somos "anestesiados" pelo condicionamento que gera o senso comum?

3º Momento

- Defina "senso comum", conduzindo um debate. Sugerimos que os alunos investiguem em revistas e jornais campanhas publicitárias. Estas campanhas devem trazer em si mensagens que podem, a exemplo do lápis e do Band-Aid, ferir (delicada, discreta ou de maneira sutil) valores éticos e morais.
- Organize a sala de aula em grupos de trabalho e solicite aos alunos que elaborem um mosaico e também que escrevam nesse cartaz mensagens opostas às das campanhas.

M

aterial de apoio

Texto 1 – Lápis cor de pele. Pele de quem?

Gostaria de contar-lhes a seguinte história:

Quando meu filho ingressou na escola de educação infantil, chegou aqui em casa certo dia dizendo que queria ser "cor de pele".

Gostaria de informar que somos negros. Meu marido é branco. Nosso filho, mestiço. Não conseguimos entender o desejo dele, pois ele já era cor de pele – foi o que respondi. "Filho, você é cor de pele. Cor de pele negra."

Esse tema rondou a casa por semanas até que um dia fui à escola descobrir o que estava havendo. E, para minha surpresa, o fato era uma mistura de incompetência para a diversidade brasileira vinda da própria professora e, muito fortemente, saída também da Faber-Castell, que tem na sua caixa de lápis de 36 cores uma cor chamada PELE. Que cor é essa?

Um salmão, rosa-claro, rosinha a que o fabricante denomina PELE. Pele de quem, me pergunto? Pele branca, é claro. Não seria legítimo em um país

de maioria negra que houvesse também uma cor na caixa de lápis para quem não tem pele branca?

Ressalto que, sim, embora as estatísticas camuflam esse dado, o Brasil é um país de maioria negra. E posso informar bibliografia consistente sobre o assunto, se necessário. Ou insiram uma nova cor, que contemple a pele negra, ou mudem o nome dessa, por favor.

Meu filho está com sete anos agora e já faz tempo que sabe que é "marronzinho", como ele mesmo dizia. Mas entendeu nesse exato momento em que quis ser "cor de pele" que vocês o submeteram a um preconceito disfarçado.

Camuflado em uma caixa de lápis que vemos nas propagandas cantantes, coloridas, sorridentes da marca. O fato é que desde essa época – e faz tempo! – tento por este canal, sem sucesso, um contato com a Faber-Castell. O fato é que semana passada, fazendo uma compra pude ver que a cor PELE continua na caixa de lápis fabricada por vocês.

Quero uma resposta e providências em uma semana, por favor. Porque hoje acordei cansada de ser ignorada. Aproveito para informar que, desta vez, usarei todos os recursos necessários para que minha reclamação atinja os canais destinados a ela, bem como instituições que se preocupam com a questão no Brasil.

Disponível em:

<<http://www.viomundo.com.br/denuncias/lapis-cor-de-pele-pele-de-quem>>.

Acesso em: 22 jan. 2009.

Atualizado em 18 de abril de 2008 às 21h44min | Publicado em 18 de abril de 2008 às 09h14min por Denise Camargo.

Texto 2 – A letra: Tô – Tom Zé

Tô bem de baixo pra poder
subir
Tô bem de cima pra poder
cair
Tô dividindo pra poder
sobrar
Desperdiçando pra poder
faltar
Devagarinho pra poder
caber
Bem de leve pra não
perdoar
Tô estudando pra saber
ignorar
Eu tô aqui comendo para
vomitar
Eu tô te explicando
Pra te confundir
Eu tô te confundindo
Pra te esclarecer
Tô iluminado

Pra poder cegar
Tô ficando cego
Pra poder guiar
Suavemente pra poder
rasgar
Olho fechado pra te ver
melhor
Com alegria pra poder
chorar
Desesperado pra ter
paciência
Carinhoso pra poder ferir
Lentamente pra não
atrasar
Atrás da vida pra poder
morrer
Eu tô me despedindo pra
poder voltar

Disponível em:

<<http://letras.terra.com.br/tom-ze/164918/>>.

Acesso em: 22 jan. 2009.